
Nelson Rodrigues

jornalismo e literatura na dose certa

Linda Clark

Bacharel em Cinema / New York University

Em 1967, aos 55 anos, Nelson Rodrigues escreveu seu livro de memórias – *A menina sem estrela*. Ele já era então reconhecido pelas carreiras teatral e jornalística, e trabalhava para *O Globo*, ambos, jornal e televisão. Não era rico nem tinha uma vida confortável, devido a muitas despesas e aos tratamentos médicos da filha Daniela, que tinha nascido cega e deficiente e que era a menina sem estrela.

Na época, escrevia a coluna diária “À sombra das chuteiras imortais”. Suas peças estavam censuradas há décadas, mas as colunas diárias não. Era conhecido como o tarado, o imoral, mas muitos liam seus diários às escondidas. Eu tenho amigas que, na época, liam as colunas de Nelson na cozinha ou no banheiro para não serem descobertas.

Quando o romance *O casamento* foi lançado, logo foi censurado e citado como uma “afrenta moral”, um “atentado contra a organização da família”. Outras obras já haviam sido censuradas por causa da “torpeza”, da “linguagem indecorosa”. E, num golpe lingüístico, por conterem “incesto demais”. Como se fosse possível haver “incesto de menos” ou “incesto na dose certa”. *O Globo*, onde Nelson trabalhava, defendeu o governo e a proibição da obra numa manchete de primeira página.

Depois desse confronto, Nelson Rodrigues quis sair do jornal e continuar na televisão. O editor do *Correio da Manhã* ofereceu-lhe uma posição, de onde escreveria as “Memórias de Nelson Rodrigues” diariamente.

Dessa forma ele poderia continuar na televisão. Ele aceitou e escreveu suas memórias em crônicas diárias durante três meses e meio. Publicada como livro pelo próprio *Correio*, esta obra nunca foi censurada, mas não foi publicada novamente, por causa dos problemas financeiros do jornal, causados pela perseguição dos militares. Ironicamente, dessa vez Nelson não foi censurado diretamente pelo governo, mas sua obra não foi relançada durante muitos anos por causa indireta dos militares. O governo o atingia de qualquer jeito.

A menina sem estrela é uma obra prima, não só como memórias da sua vida, mas também do jornalismo que praticou. Nela, o autor apresenta um retrato das figuras com quem convivia e, por consequência, uma visão intelectual do país. Ele assim define este trabalho: “Estas são memórias do passado, do presente, do futuro e de várias alucinações”¹. Logo no início do livro, ele fala da natureza misteriosa da memória, das memórias e da “intenção de valorizar e dramatizar a tal experiência de ontem”.

Podia ser de ontem e de todos os ontem de sua vida. E que vida! Passou por momentos de privação; de riqueza; de tragédia, como o assassinato do irmão na redação do jornal do próprio pai; de perdas, desastres e doenças. Desfrutou de muitas amizades, viveu experiências incríveis, amou muitas mulheres, teve muitos filhos. Se escrevesse, ninguém acreditaria. Mas escreveu sim.

Será que nós acreditamos? Nas suas memórias, ele fala muito dos incidentes que ocorreram, mas sem fazer um relato dos fatos como jornalista. Ele ruma sobre sua vida e sobre a vida em geral. Fala da “nossa brutal e indefesa fragilidade”. “Ninguém é forte”, observava. Essa constatação sobre a natureza humana surgiu quando conheceu um assassino no sanatório onde foi internado aos 22 anos com tuberculose. Tratava-se da história de um homem que tinha cometido um crime de paixão e queria confessar. Nelson pensou no assassinato de seu irmão e resistiu a sentir compaixão por aquele

homem. Mas não resistiu quando o assassino, também com tuberculose, pediu para segurar a mão da mãe antes de morrer. Nelson observa que todo mundo quer morrer em casa, apertando a mão da mãe: “Essa vontade de ser chorado geme em todos nós”. A compaixão surge enquanto ele resiste a ela, mas até para um assassino ela vem.

Nelson Rodrigues não era só o tarado, o depravado obcecado por sexo e por crimes de paixão. Também não era um sentimentalista. Estava muito longe disso realmente, mas podia ter transformado suas lembranças em memórias muito tristes. No entanto, ele evita isso. As palavras são ásperas, irônicas e focalizam o absurdo geral da nossa situação como seres humanos. Ele também brinca muito com a verdade, como um bom escritor, mas talvez não tanto como um bom jornalista.

Como jornalista começou aos 12 anos no jornal do pai, Mário Rodrigues, que se tornou editor de *A Manhã*, depois que seu primeiro jornal, *O Correio da Manhã*, foi fechado. A causa? Um artigo publicado em 1924 no dia em que estourou em São Paulo a revolução militar contra o governo Bernardes. O artigo, escrito por Mário, foi considerado um “incitamento à revolta”, e ele foi condenado a um ano de prisão e multa de dez contos de réis.

Mário Rodrigues cumpriu a sentença e saiu para começar tudo de novo. O jornal era sensacionalista e fantasioso. Eles inventavam casos, notícias e vendiam muito. É difícil imaginar como eram as redações na época, mas Nelson fala do pai como um homem incrível, grande jornalista, muito talentoso. Ele expõe muitas diferenças do jornalismo desse tempo.

Se me perguntassem qual é o grande e irredutível abismo entre a velha imprensa e a nova, direi: a linguagem. Claro que existem outras dessemelhanças, além da estilística. Tudo o mais, porém, é irrelevante. Basta a redação de uma e outra para datá-las. Examinem duas manchetes (*MSE*, 243).

Cita uma manchete de 1908, sobre o assassinato do rei de Portugal, onde se lê: “HORRÍVEL EMOÇÃO!”. Ele explica que tem saudades dessa

manchete que reflete os gritos, o espanto, a catástrofe do evento.

Depois, menciona a manchete de quando Kennedy foi assassinado, que nada concedeu “à emoção, ao espanto, ao horror. O acontecimento foi castrado emocionalmente. Podia ser a guerra nuclear... e o nosso *copy desk* na sua casta objetividade também não concederia ao fim do mundo um vago e reles ponto de exclamação” (MSE, 244).

Se consideramos a linguagem de Nelson hiperbólica, vejamos as manchetes do jornal do pai: “As Tropas Rebeldes Estrondosamente Derrotadas”. Quando foi a última vez que “estrondosamente” apareceu num jornal? E mais: “A Parcialidade do Juiz Transformou numa Farsa o Julgamento!”. Essa apareceu na primeira página quando do julgamento da assassina do irmão de Nelson, Roberto. Ele foi assassinado por uma mulher, escritora de classe média, depois que o jornal publicou um artigo sobre o seu desquite e fabricou um rumoroso caso sobre o fato. Era prática jornalística caluniar. A denunciada foi até a redação para matar Mário Rodrigues ou um dos filhos dele. Não achou Mário. Matou Roberto.

Ela foi absolvida do crime, mas acabou se matando na prisão anos depois. Esteve presa depois de descobrir que seu segundo marido tinha uma amante. Ele negava, ela tentou o suicídio, foi presa e acabou se matando com uma overdose de calmante consumido na prisão enquanto seu filho pequeno dormia ao seu lado. Nelson não precisava inventar muita coisa. Os fatos que o cercavam já eram fantásticos. Ele conhecia *fait divers* de perto.

Mário morreu meses depois do assassinato de Roberto. Nelson lembra que a família nunca se recuperou desse golpe. E haveria outros.

Quando fala do pai e da redação de um jornal daquela época, Nelson cria uma imagem forte:

Por vício de velho, vivo eu a fazer comparações entre a imprensa antiga e a nova. Sou do tempo em que o diretor do jornal era tudo e o resto paisagem. Bem me lembro do meu pai na *Manhã* e na *Crítica*. Quando ele estava presente, o riso era escasso e os redatores cochichavam os

palavrões.

Ninguém ousaria uma gargalhada plena, livre, deslavada. E meu pai era tratado de “dr. Mário” as 24 horas do dia. Quando um redator o chamava pelo nome, eu me sentia duramente ultrajado (*MSE*, 210).

Mário Rodrigues costumava dizer: “Se não gostaram – processem-me!”. Isso aconteceu algumas vezes. Num caso, um político ofereceu suborno a Mário para publicar notícias favoráveis a seu respeito. Mário aceitou o dinheiro, convocou um “encontro de proletários” numa praça pública, contou o que tinha ocorrido e jogou as notas para os pobres. Tal pai, tal filho: ambos tinham uma propensão dramática para a vida.

Nelson começou a carreira como repórter no jornal do pai. Tinha 13 anos quando escreveu seu primeiro artigo a respeito da vontade de ser um escoteiro, apesar de nunca ter sido um. A ficção era uma tradição de família, e ele a levou a sério.

Logo depois, tornou-se repórter policial e escreveu sobre um desastre de trem. Nas suas memórias ele descreve a cena horrorosa, depois explicita o processo de inventar a história: “Cem mortos, não sei quantos feridos. Mas faltava o amor. Houve um momento em que me encostei num poste e tranquei os lábios, crispados de náusea. Faltava o amor, disse eu” (*MSE*, 204).

Nelson não era um jornalista qualquer. Mesmo com apenas 13 anos já tinha o seu forte ponto de vista.

Na matéria seguinte incluiu o amor. Era um pacto de suicídio entre noivos. Escreveu a matéria e incluiu um canário numa gaiola. Nas memórias fala com orgulho do plágio, da invenção, do processo.

Descrevi toda a cena – a menina, em chamas, correndo pela casa, e o passarinho, na gaiola, cantando como um louco. E era um canto áspero, irado, como se o canarinho estivesse entendendo o martírio da dona. E fiz a coincidência: - enquanto a menina morria no quintal, o pássaro emudecia na gaiola.

Quase, quase matei o canário. Seria um efeito magistral. Mas como matá-lo se a rua inteira ia vê-lo, feliz, vivíssimo, cantando como nunca,

na sua irresponsabilidade radiante? O bicho sobreviveu. E foi um sucesso no dia seguinte (MSE, 205).

Nelson narra grandes lembranças da ficção que criou para o jornal e fala descaradamente da sua própria esperteza. Também fala do reconhecimento que recebeu da redação. Depois, dá o crédito do nascimento da idéia do passarinho à leitura da matéria de outro jornalista. Ele inventa, até rouba, mas conta que fez. Não dá para não perdoar um escritor desses.

Também reclama do clima jornalístico existente na época das memórias. Hoje, a reportagem de polícia está mais árida do que uma paisagem lunar. Lemos jornais dominados pelos idiotas da objetividade. O repórter mente pouco, mente cada vez menos. A geração criadora de passarinhos acabou... Eis o drama – o passarinho foi substituído pela veracidade que, como se sabe, canta muito menos (MSE, 205).

Lembra da bagunça e da liberdade das antigas redações. Todo mundo podia entrar, sentar, dar palpites e sugestões. Ele recria muito desse mundo no seu teatro, como em *Viúva, porém honesta*, por exemplo. Parece que sempre tinha um louco entrando ou saindo da sala de redação.

Quando a redação de *A Manhã* estava na rua Treze de Maio, vivia cheia de políticos, atrizes, camelôs, aleijados, arquitetos e prostitutas. Na redação de hoje esta troupe seria inviável. A visita é escassa e filtrada. Ferozmente seletiva, a portaria barra o pobre diabo, o enxota, da maneira mais ignominiosa.

Outrora era possível um demente entrar numa redação e lá permanecer como um funcionário. Lembro-me de uma velha que invadiu *A Manhã* e berrava: “– Eu sou a consciência da República”. E o pior é que ninguém se espantava. Um contínuo passou uma hora de grave conversa com a louca. Ela não dizia outra coisa: “– Eu sou a consciência da República”. E os mutilados, e os portadores de doenças hediondas? De vez em quando, alguém vinha me cochichar: - “Aquele é leproso” (MSE, 269).

Nesse levantamento de tipos que freqüentavam as redações, Nelson fala do canalha, uma instituição na redação antiga. Se as coisas começavam a desaparecer, ele escreve, todo mundo sabia que era o canalha.

Nelson era reacionário e moralista; tinha opiniões políticas ingênuas, às vezes horrendas; vivia falando no amor perpétuo, enquanto tinha muitas

amantes e trocava uma mulher por outra. Tinha filhos reconhecidos, outros renegados. Inventava notícias, inventava as críticas das próprias peças. Perseguiu os amigos. Gostava de ópera. Era um paradoxo. Mas também admitia, se não tudo, muito. É difícil condenar um escritor desses.

E, ao final, é a obra que resta. A produção de Nelson é impressionante não só pela qualidade, mas pela quantidade também. Inclui peças inovadoras, dramáticas e cômicas; um romance, *O casamento*; e as memórias; crônicas publicadas diariamente em jornais, e os textos publicados sob o pseudônimo de Suzana Flag. Seu trabalho carrega uma grande dose de generoso exagero. As peças dramáticas, especialmente, são feitas para nos fazer recuar, parar, pensar. Nelson queria que o público ficasse chocado, incomodado. Ele prestou homenagem à vulgaridade cotidiana, à condição humana, à fraqueza honesta, à hipocrisia diária, às neuroses comuns.

Quando se considera que Nelson nasceu no início do século XX, tanto mais atuais suas peças parecem. Hoje em dia, mesmo quando quase tudo é permitido, quando se tem um clima de vale tudo, suas obras ainda espantam.

Nelson Rodrigues misturou verdades e mentiras. Muitos fatos verídicos inspiraram suas peças. Sobre *O beijo no asfalto*, ele conta a motivação inicial:

Uma tarde Pereira Rêgo vai empenhar uma jóia, ali, na Caixa Econômica da rua Treze de Maio. Foi lá a pé e voltou a pé, para *O Globo*. Ao atravessar, foi atropelado. Havia, na época, um tipo de ônibus que o povo batizara como “Arrasta Sandália”. E foi esse, justamente, que apanhou o meu companheiro. Dizem que o “Arrasta Sandália” passou por cima. Não sei. Houve corre-corre na rua. Um crioulo, que chegou antes de todos, apanha a cabeça do atropelado e põe no regaço. E, então, veio, com sangue pisado, o apelo de Pereira Rêgo: “- Me beija, me beija”.

O episódio me tocou tanto que, anos depois, escrevi *O beijo no asfalto...* Todo o núcleo lírico e dramático da peça é um beijo pedido por um atropelado (*MSE*, 232).

Às vezes, a verdade entrava na sua vida como intrusa. Durante a época militar, ele teimou que não havia tortura aos prisioneiros políticos. Brigou com muitas pessoas, inclusive com o próprio filho, Nelsinho, que estava envolvido na luta armada. Quando Nelsinho foi preso, ele foi visitá-lo e perguntou se fora torturado. O filho respondeu: “Muito”. Nelson, que por muito tempo ignorou a tortura, acreditou na palavra do seu filho e nas marcas nos tornozelos.

Dias depois, uma sugestão vinda dos militares lhe chegou pela direção de *O Globo*, orientando-o a dizer pelo jornal que seu filho estava bem. Nelson declarou que tinha visto o filho e que ele estava vivo. Nelsinho ficou preso sete anos, e Nelson o visitava sempre. Durante esse tempo, o pai se aproximou do filho. Para quem resistiu a admitir por tantos anos o mal que o regime militar impôs aos brasileiros, o episódio mudou sua opinião.

Em 1944, anos antes das memórias, Nelson descreveu uma cena de *Vestido de noiva*:

Sua memória entra em franca dissolução, perde qualquer harmonia, digo mais, qualquer ordem cronológica... Não há mais noção de tempo: *Vestido de noiva* está, então, fora do tempo. Incidentes de 25 anos atrás adquirem uma atualidade tremenda: nada aconteceu, tudo acontece, tudo está acontecendo.

Essa efêmera qualidade a respeito do tempo, da memória, é a realidade que coloriu suas memórias. Ele escreveu este comentário muito antes de redigi-las².

Como todos nós, alguns mais do que outros, Nelson Rodrigues era um paradoxo. Irreverente, provocativo, irônico, recebeu o rótulo de tarado, e suas peças foram censuradas por décadas. Seu nome foi proibido em muitas casas dignas por causa de seus temas. Graças as suas peças, foi reconhecido por Manuel Bandeira como “o maior poeta brasileiro”, um comentário que depois de ouvir, Nelson pediu para Bandeira escrever, utilizando-o no processo de abrir as portas literárias para si mesmo. Nelson viveu uma vida cheia de contradições. Produzia muito e trabalhava sob a

pressão de ter de publicar uma crônica jornalística diária. Deixou uma obra impressionante, coerente e complexa. Se a obra tendeu mais para a ficção ou para os fatos não importa. A questão é irrelevante. Como a polaca de *Viúva, porém honesta* que responde, quando perguntada se é estrangeira: “Faz diferença?” Não faz. Nelson escreveu grandes obras e também vendeu muitos jornais.

Notas

¹ Rodrigues, Nelson – *A menina sem estrela: memórias*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 11. Daqui em diante, as referências à obra serão dadas no corpo do texto, indicadas pela sigla *MSE*.

² Castro, Ruy – *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 178.

Linda Clark - “Nelson Rodrigues: jornalismo e literatura na dose certa”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 17. Brasília, janeiro/fevereiro de 2002, pp. 3-11.